

# O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu

*Tiago Freitas*  
*Maria Celeste Ramilo*  
*Elisabete Soalheiro*

Instituto de Linguística Teórica e Computacional

## 0. Introdução

A ideia-chave em que assenta este trabalho é a de que a integração dos estrangeirismos se processa por fases e que a cada fase corresponde um determinado conjunto de fenómenos fonológicos, morfológicos, semânticos e gráficos específicos. O nosso objectivo é identificar e descrever esses fenómenos, discutindo-os enquanto critério válido para apurar o grau de integração de um estrangeirismo no léxico do português.

Ao invés do que tem sido feito até aqui nos estudos sobre estrangeirismos, baseamo-nos sobretudo em dados da língua oral. O *corpus* com que trabalhamos foi constituído com o intuito de analisar a linguagem dos meios de comunicação social e compreende textos da rádio, televisão e imprensa, num total de 324.000 palavras, dois terços das quais correspondem a língua falada. Procuraremos, então, conjugar as nossas observações gerais com os dados presentes no *corpus*.

Começaremos por falar sobre o conceito de estrangeirismo e sobre a terminologia subjacente a esta área do conhecimento lexicológico, justificando os motivos por que adoptámos esta designação. Avançaremos, depois, para a descrição do processo de integração em si. De acordo com a nossa definição, este processo decorre em três fases, as quais correspondem ao tipo de transformações evidenciadas pela palavra:

- i) transformações imediatas
- ii) transformações progressivas
- iii) integração no léxico

Consideraremos os fenómenos linguísticos associados a cada uma destas fases em separado, apresentando no final um quadro com todos os tipos de adaptações identificadas.

## 1. O conceito de estrangeirismo

Para designar as palavras que passam do léxico de uma determinada língua para outra, têm sido utilizadas várias denominações<sup>1</sup>. As mais comuns são: *empréstimo*<sup>2</sup>, *estrangeirismo* e *importação*. Alguns autores<sup>3</sup> chegam mesmo a usar estes termos de um modo diferenciado, aplicando-os de acordo com diferentes processos. Neste trabalho, optámos por utilizar apenas a designação *estrangeirismo* (ou *palavra estrangeira*), uma vez que é aquela que nos parece mais transparente e intuitiva, não obstante haver uma certa carga depreciativa associada à mesma. Esta carga depreciativa resulta, sem dúvida, de ser muitas vezes esse o termo escolhido pelos prescritores portugueses nas suas diatribes contra a invasão de termos de outras línguas.

O termo *estrangeirismo* aplica-se, aqui, a todas as palavras estrangeiras que não estão integradas no léxico do português, de acordo com os critérios por nós definidos. Não designa, com efeito, o processo de passagem da palavra de uma língua para a outra, como acontece normalmente com os termos *empréstimo* e *importação*. Por outro lado, não designa apenas a primeira fase na importação de uma lexia, como para Lavouras Lopes e Rebello d'Andrade (1997)<sup>4</sup>.

A opção terminológica que aqui defendemos está, contudo, longe de ser original. Podemos observá-la, por exemplo, em Lavouras Lopes (1992), Rebello d'Andrade e Lavouras Lopes (2002) e também na introdução do *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*.

## 2. O processo de integração dos estrangeirismos

Nesta secção, as diversas transformações por que passam as palavras estrangeiras serão contempladas fase a fase. Procuraremos ilustrar os fenómenos linguísticos descritos com exemplos reais da língua, grande parte dos quais directamente observados no *corpus* REDIP.

### 2.1. Primeira fase: transformações imediatas

Quando as palavras passam de uma língua para a outra, é natural que se manifestem de imediato algumas transformações. Estas transformações serão tanto mais significativas quanto maior for a diferença entre as línguas, tendo em conta

<sup>1</sup> Como referem Lavouras Lopes e Rebello d'Andrade (1997), "a terminologia portuguesa relativa ao fenómeno do empréstimo linguístico não é, de forma alguma consensual".

<sup>2</sup> Este é o termo consagrado na literatura portuguesa de especialidade, embora vários autores o critiquem. Cf. Rebello d'Andrade (1996) e Correia (1999).

<sup>3</sup> Cf. Carvalho (1989).

<sup>4</sup> Estes autores consideram a existência de quatro fases no processo de integração de uma palavra estrangeira. De acordo com essas quatro fases, as palavras recebem progressivamente as seguintes designações: *estrangeirismo*, *peregrinismo*, *neologismo de importação* e *empréstimo*.

aspectos como o inventário fonológico, a estrutura morfológica, os parâmetros sintácticos, etc.

No entanto, por uma determinada palavra manifestar essas transformações imediatas, não podemos afirmar com certeza que um dia virá a ser integrada no léxico. Existem, com efeito, muitos casos de palavras importadas de outras línguas que não chegam a perder o estatuto de estrangeirismo, ou seja, que não passam pelas transformações necessárias para integrar o inventário de formas lexicais disponíveis na língua. É nessa situação que geralmente se encontram os nomes próprios estrangeiros, assim como as palavras que designam realidades específicas de outras culturas. Os nomes comuns e adjectivos com esse estatuto são formas que ocorrem com uma frequência baixa na língua, podendo mesmo corresponder a hápax<sup>5</sup>.

Consideremos, então, algumas das propriedades evidenciadas pelas palavras estrangeiras na primeira fase de integração:

- i) adaptação fonética imediata
- ii) adaptação morfo-sintáctica imediata
- iii) monossemia: manutenção do significado com o qual a palavra é importada
- iv) grafia da língua de origem
- v) hesitação nos tipos gráficos

Lavouras Lopes e Rebello d'Andrade (1997) afirmam que, ao nível fonético, não podemos falar de estrangeirismos, uma vez que existe sempre adaptação de sons. Concordamos, com efeito, que existe sempre adaptação fonética. Todavia, na nossa opinião, isso não implica que tenhamos de abandonar o conceito de estrangeirismo. Defendemos, pois, que a integração das palavras também contempla o nível fonético, pelo que existem igualmente graus de adaptação a este nível. A adaptação fonética imediata, que apresentamos em primeiro lugar na lista de atributos relevantes para caracterizar as palavras que se encontram na primeira fase do

<sup>5</sup> Os hápax são formas que aparecem uma única vez num determinado *corpus*. No quadro que se segue, damos conta de alguns dos casos desse tipo que ocorrem no REDIP, apresentando a glosa correspondente:

<i>caster</i>	termo automobilístico que designa o ângulo de alinhamento entre o eixo das rodas de um carro e uma linha vertical imaginária
<i>outsourcing</i>	acto de transferir parte das actividades internas e direitos de decisão a fornecedores externos, tal como estabelecido num contrato

processo de integração, está relacionada com o facto de não existirem, em português, os mesmos segmentos ou contrastes fonológicos que existem na língua de origem.

Gostaríamos de considerar, neste âmbito, aquilo que se verifica com os segmentos nasais do francês e do inglês. Em relação à primeira língua, observamos que as vogais nasais, por natureza [+ baixas], se tornam sistematicamente [- baixas], como as restantes vogais nasais do português-padrão. Vejamos alguns exemplos de palavras que contêm essas vogais:

Vogais nasais do francês	
chaper[ɔ̃]	→ chaper[õ]
écr[ã]	→ ecr[ẽ]
napper[ɔ̃]	→ naper[õ]
souti[ẽ]	→ suti[ẽ]

Já o que se passa com os segmentos nasais do inglês é que, quando surgem em posição pré-consonântica, são automaticamente associados aos segmentos vocálicos precedentes, seguindo a regra de nasalização característica do português. Ao contrário do que acontece na língua de origem, esses segmentos não têm uma articulação distinta:

Segmentos nasais do inglês que precedem consoantes	
fra n chising	→ fr ẽ chising
heade n d	→ head ẽ d
ɔn dergr aon d	→  ẽ dergr ẽw̃ d

É curioso observar, no entanto, que o processo de nasalização já não se dá se os segmentos nasais ocorrerem no fim da palavra. Nesse caso, a diferença entre as línguas esbate-se. Nós pensamos que este contraste se deve ao facto de, para os falantes do português europeu, a especificação dos segmentos nasais mudar de acordo com a sua posição. Quando se encontram no final da palavra, e ao contrário do que acontece em grande parte das palavras do português, estes segmentos nasais possuem o traço [+ consonântico] especificado. Consideremos dois exemplos deste tipo:

Segmentos nasais do inglês em posição de final de palavra	
barma n	→ barma n
fashio n	→ fashio n

Outro fenómeno característico do inglês que merece destaque no âmbito da adaptação fonética imediata é o que diz respeito aos contrastes de quantidade nas vogais. Como não existe distinção fonológica entre vogais longas e vogais breves

em português, é natural que esses contrastes originais sejam neutralizados. Apresentamos em seguida dois exemplos dessa neutralização:

Segmentos vocálicos do inglês que contrastam em quantidade	
d[i:]ler	→ d[i]ler
n[i]ck	→ n[i]ck

Depois de termos observado alguns casos de adaptação fonética imediata, gostaríamos de abordar o tipo de adaptações morfo-sintáticas que ocorrem nas palavras estrangeiras logo na primeira fase do processo de integração. Trata-se basicamente da atribuição de género e da integração numa classe de palavras. O primeiro fenómeno é particularmente relevante no que diz respeito aos nomes comuns importados do inglês, que possuem uma marca de género não existente na nossa língua. Quanto ao segundo, acreditamos que se trata de uma operação relativamente trivial, pelo facto de a categoria sintáctica da palavra normalmente não mudar na passagem de uma língua para a outra, a não ser nos casos em que temos estruturas sintacticamente analisáveis na língua de origem que deixam de o ser no português.

Aos nomes comuns provenientes do inglês é normalmente atribuído o género masculino. Nos exemplos considerados no *corpus* REDIP, é isso que se passa em 83 por cento dos casos<sup>6</sup>. Podemos dizer, com efeito, que o traço [- fem] é atribuído por defeito, quando não existe qualquer tipo de motivação formal ou semântica para atribuir o traço [+ fem] à palavra. É por essa razão que nomes como *flash*, *ketchup* e *software* têm género masculino.

No entanto, existem alguns nomes do inglês e de outras línguas que, apesar da regra acima descrita, são femininos. Se estivermos perante importações de línguas românicas, essas ocorrências poderão dever-se ao facto de as formas já possuírem o traço [+ fem] na língua de origem. É provavelmente por essa razão que a palavra *grisaille*, do francês, ocorre no nosso *corpus* com o género feminino, tendo o significado de 'trabalho monocromático na pintura ou vitral com sombras de cinza'.

Se a palavra estrangeira tiver uma estrutura *\_a#*<sup>7</sup> na língua de origem, existe uma probabilidade alta de adquirir o traço [+ fem], o que decorre do facto de os nomes terminados nessa vogal, em português, geralmente estarem associados a esse valor de género<sup>8</sup>. Há também um factor de ordem semântica que pode ser decisivo na atribuição desse traço. É aquilo a que alguns autores chamam atracção sinóní-mica, processo pelo qual o estrangeirismo adquire o género feminino por estar associado a uma palavra vernácula [+ fem] que designa um conceito equivalente. No quadro que se segue, apresentamos alguns exemplos destes dois factores:

<sup>6</sup> Humbley (1974) refere uma percentagem de 90 por cento de palavras com o género masculino, no seu trabalho sobre os estrangeirismos nas línguas românicas.

<sup>7</sup> A vogal /a/ tem de estar associada à estrutura fonológica da palavra, não apenas à sua representação gráfica. Nesse sentido, exemplos do tipo *ice-tea* são descartados.

<sup>8</sup> Veja-se, no entanto, as considerações que Villalva (2000) tece a este respeito.

Factores que podem determinar a atribuição do género feminino	
estrutura _a#	<i>bazuca</i> < <i>bazooka</i> (inglês)
	<i>parca</i> < <i>parka</i> (russo)
	<i>sauna</i> < <i>sauna</i> (finlandês)
	<i>tróica</i> < <i>troika</i> (russo)
atração sinonímica	<i>homepage</i> (página)
	<i>internet</i> (rede)
	<i>party</i> (festa)
	<i>password</i> (palavra)
	<i>star</i> (estrela, celebridade)

Não é difícil, no entanto, encontrar contra-exemplos relativos a estes factores. Um dos mais casos mais evidentes, no que concerne à estrutura \_a#, é a palavra *vodka*, que, dependendo dos falantes, tanto pode ter o género feminino como o género masculino. Já a respeito da atração sinonímica, encontramos vários contra-exemplos no próprio *corpus* REDIP: os estrangeirismos *bookshelf*, *goal-average* e *helpdesk* ocorrem com o traço [- fem], não obstante poderem ser associados às palavras vernáculas *prateleira*, *média* e *secretária*, respectivamente.

A integração das palavras estrangeiras numa determinada classe de palavras, tal como a atribuição do género, processa-se de um modo imediato. Como referimos antes, essa é uma operação relativamente trivial, a não ser no caso das estruturas sintacticamente analisáveis na língua de origem que, na passagem para o português, se tornam inalisáveis. Exemplos ilustrativos são a transformação dos sintagmas do inglês *free shops*, *wearable computers* e *world music* em nomes comuns e também a transformação do sintagma *honoris causa*, do latim, num adjectivo<sup>9</sup>.

Passamos agora a descrever aquilo que se verifica a nível semântico, no primeiro momento em que uma palavra passa de uma língua para outra. Já foi por vezes apontado na literatura que, nesse primeiro momento, há uma tendência muito forte para que as formas sejam monossémicas, uma vez que normalmente designam uma realidade específica para a qual não existe um correspondente vernáculo. No *corpus* REDIP, existem vários casos de palavras importadas do inglês que, na sua origem, podem corresponder a acepções diversas mas que, no português, apresentam um significado restrito. Consideremos dois exemplos:

<sup>9</sup> O facto de a expressão *honoris causa* não ser sintacticamente analisada como na língua de origem é o que explica a atestação de construções como *recebeu o título de etnógrafo por honoris causa* [[http://www.geocities.com/angola\\_brasil/Txt/filhos.txt](http://www.geocities.com/angola_brasil/Txt/filhos.txt)], com uma preposição motivada pela opacidade do ablativo latino.

Forma	Número de acepções registadas no OED <sup>10</sup>	Significado em português tal como atestado no <i>corpus</i> REDIP
<i>roaming</i>	4 (para o verbo <i>roam</i> )	serviço que permite o funcionamento de telemóveis no estrangeiro
<i>retarder</i>	4	dispositivo instalado em alguns veículos que funciona a par com os travões para diminuir a velocidade em segurança

Antes de passarmos aos fenómenos por que se caracteriza a segunda fase de integração dos estrangeirismos, teceremos algumas considerações acerca da sua representação gráfica. Trata-se de um aspecto que não analisamos a fundo neste trabalho, pelo facto de depender grandemente de factores extra-linguísticos, nomeadamente os que dizem respeito à normalização e à política de integração dos estrangeirismos na língua. Acreditamos, com efeito, que o critério gráfico não é decisivo no apuramento do grau de integração de uma palavra, o que não implica, no entanto, que a grafia não seja indiciadora da integração.

As palavras estrangeiras que se encontram nesta primeira fase caracterizam-se por apresentar uma grafia idêntica à da língua de origem. Pelo facto de serem sentidas como estranhas ao sistema linguístico, é comum ocorrerem com tipos gráficos (aspas, itálicos, etc.) distintos.

## 2.2. Segunda fase: transformações progressivas

Os fenómenos que abordaremos nesta secção do trabalho não correspondem a transformações imediatas, mas antes a adaptações progressivas que decorrem do tempo e da frequência de uso de uma determinada palavra estrangeira. A partir destes processos, dá-se uma aproximação mais significativa, a nível formal, entre os estrangeirismos e as restantes palavras do léxico do português.

Observemos, então, quais as propriedades relevantes para caracterizar as palavras que se encontram na segunda fase do processo de integração:

- i) adaptação fonética progressiva
- ii) adaptação morfo-sintáctica progressiva
- iii) possibilidade de formação de novas palavras: composição e prefixação
- iv) formas concorrentes a nível gráfico
- v) atestação lexicográfica (normativizada ou não)

<sup>10</sup> Oxford English Dictionary. Foram consultadas quer a edição original quer as edições suplementares.

Os casos de adaptação fonética que consideraremos prendem-se essencialmente com a tentativa de fixação do acento e a simplificação de alguns segmentos consonânticos. Centrar-nos-emos maioritariamente sobre casos do inglês, novamente. Na verdade, a razão por que damos prioridade ao tratamento dos exemplos desta língua deriva do facto de ser dela que provém a maior parte das novas palavras estrangeiras. No *corpus* REDIP, oitenta por cento dos neologismos estrangeiros encontrados têm essa origem.

Ao contrário do que acontece no português, o acento do inglês não tende a incidir sobre a última vogal do radical dos nomes e adjectivos. É natural que algumas palavras manifestem mudança acentual quando pronunciadas na nossa língua. Isso é particularmente evidente no caso dos vocábulos compostos e prefixados, como se pode ver por este quadro:

Acento no inglês	Acento no português
chéck-in	check-ín
kéetchup	ketchúp
hómepage	homepáge
ínterface	interface
mégastore	megastóre
software	software
tópléss	topléss
wórkshop	workshóp

Ao deslocar-se para a direita, o acento passa a incidir sobre a última vogal do radical, estando em conformidade com a regra geral de acentuação do português relativa ao sistema nominal<sup>11</sup>. Como não se trata de uma transformação imediata, é possível encontrar casos idênticos aos acima listados que, para muitos falantes, mantêm a acentuação da língua de origem. É o que se passa, por exemplo, com a palavra *gentleman*.

O inglês possui no seu inventário fonológico algumas consoantes que não existem no português. É o caso das africadas /dʒ/ e /tʃ/, por exemplo. Estas últimas ocorrem a nível fonético, mas apenas em alguns dialectos ou variedades do português. Nesse sentido, é perfeitamente esperável que as consoantes /dʒ/ e /tʃ/ se simplifiquem, quando as palavras passam a integrar o léxico da língua. Na segunda fase do processo de integração, aquilo que se verifica é que há uma oscilação entre uma realização e outra. Observemos um gráfico ilustrativo:

Som do inglês	Adaptação					
	Primeira fase		Segunda fase		Terceira fase	
dʒ	→	dʒ	→	dʒ/ʒ	→	ʒ
tʃ	→	tʃ	→	tʃ/ʃ	→	ʃ

<sup>11</sup> Cf. Mateus et aliae (2003).



É este tipo de oscilação que encontramos em relação à pronúncia de palavras como *jeans* e *jingle*, por um lado, e *chat* e *franchising*, por outro. Curiosamente, também nos deparamos com este fenómeno na adaptação das consoantes vibrantes quer do inglês quer do francês. Dependendo do contexto, a vibrante retroflexa do inglês tende a ser realizada ora como a correspondente alveolar ora como a correspondente uvular, no português. Quanto à vibrante uvular do francês, esta tende a ser realizada como uma alveolar, quando não ocorre em início de palavra.

Vibrantes	
<b>Vibrante retroflexa do inglês</b>	
sc[ɹ]een	→ sc[ɹ]een/sc[r]een
[ɹ]anking	→ [r]anking
t-shi[ɹ]t	→ t-shi[r]t
<b>Vibrante uvular do francês</b>	
c[r]oquis	→ c[r]oquis/c[r]oquis
éc[r]an	→ ec[r]ã
nappc[r]on	→ nape[r]on

Na nossa opinião, o facto de haver oscilação entre pronúncias mais ou menos conservadoras em relação à língua de origem está relacionado com factores de natureza sociolinguística. A pronúncia mais próxima da língua de origem é considerada mais prestigiante pelo facto de poder evidenciar um grau de cultura ou conhecimento mais elevado. No entanto, tal conservadorismo poderá implicar conotações sociolinguísticas negativas, caso se verifique em relação aos fenómenos característicos da primeira fase de integração ou ocorra em relação a palavras da terceira fase, palavras já integradas no léxico<sup>12</sup>.

Passando agora aos fenómenos morfo-sintácticos próprios desta fase, começaremos por abordar a questão da fixação da forma do plural dos nomes e adjectivos do inglês<sup>13</sup>. Aquilo que se verifica é que, quando as palavras estão flexionadas no plural, existe variação entre a consoante final [s] e [ʃ]. A primeira realização resulta, na nossa opinião, do facto de a consoante já vir especificada com o traço [+anterior], o que não acontece nos restantes casos de formação do plural em português. Nesta língua, a consoante /s/ correspondente ao sufixo do plural não é especificada relativamente ao Ponto de Articulação<sup>14</sup>. A palatalização que ocorre no

<sup>12</sup> Por exemplo, a pronúncia de palavras como *andebol* e *futebol* (originariamente *handball* e *football*, com acento na primeira sílaba) com um acento que não esteja na última sílaba poderá ser considerada pedante.

<sup>13</sup> No inglês, os adjectivos não contrastam em número. Quando são usados no português, naturalmente passam a ter essa propriedade. É o que podemos observar nesta frase: *Os recursos marinhos e os espaços marinhos são commons, são recursos colectivos* [Programa Expo 98, 98 Mares, RDP, corpus REDIP].

<sup>14</sup> Cf. Mateus et aliae (2003).

português europeu é um processo pós-lexical associado à posição de final de sílaba. Quando os falantes produzem [s] nas formas de plural, não estão a empregar o sufixo -s próprio das estruturas morfológicas do português com o traço [+pl].

A variação relativa à forma do plural é também característica dos estrangeirismos de origem latina. Isso resulta do facto de esta língua apresentar terminações de plural bastante distintas do sufixo -s português, o que gera uma certa hesitação por parte dos falantes. Em relação à palavra *corpus*, por exemplo, observámos três formas de plural diferentes: *corpus*, *corpora* e *corporas*. A variação entre *campus* e *campi*, como formas [+pl] de *campus*, é também muito frequente, se bem que a forma mais conservadora predomine na expressão escrita.

Os estrangeirismos que se encontram na segunda fase do processo de integração caracterizam-se morfológicamente pelo facto de poderem originar novas palavras por meio de composição e prefixação. Estes processos de criação de palavras, não sendo derivacionais, podem operar sobre elementos que ainda não se encontram integrados no léxico. Desse modo, é possível encontrar vocábulos cuja forma de plural ainda não se encontra definida na língua mas que podem integrar novas palavras quer por composição quer por prefixação. Tomando o estrangeirismo *corpus* como exemplo, observamos que já se encontram atestadas as formações *megacorporus*, *pré-corporus*, *subcorpus* e *corpus-piloto*, entre outras. O mesmo se verifica em relação à palavra inglesa *modem*<sup>15</sup>: estão atestadas as estruturas *anti-modem* e *fax-modem*, por exemplo.

É normalmente na segunda fase do processo de integração que os estrangeirismos começam a aparecer nos textos com grafias alternativas à da língua de origem. No entanto, como não existe em Portugal uma tradição de adaptação da escrita das palavras estrangeiras nem existe nenhum documento oficial sobre a forma como essa adaptação deve ser feita, observamos que essas grafias alternativas tendem a ser rejeitadas por certos sectores da comunidade linguística.

Nos meios de comunicação social, por exemplo, há uma tendência clara para manter a forma gráfica original. Aquilo que observámos no *corpus* REDIP, cujos textos datam de 1998, é que palavras como *anorak* e *cocktail* são consistentemente produzidas com a grafia da língua de origem, não obstante haver já propostas de aportuguesamento nos dicionários da altura<sup>16</sup>. Mesmo depois da publicação do *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*, no qual se torna explícita uma intenção mais normalizadora, continuamos a verificar essa mesma tendência, tendo as propostas constantes nesse dicionário recebido grande contestação.

<sup>15</sup> Esta palavra pode apresentar três formas de plural distintas. Da mais conservadora à menos conservadora, temos: *modem[s]*, *modem[j]* e *mod[ẽj]*.

<sup>16</sup> Cf. *Dicionário da Porto Editora*, oitava edição (1998).

### 2.3. Terceira fase: integração no léxico

Esta é, efectivamente, a fase em que o estrangeirismo deixa de ser estrangeirismo. As palavras completamente integradas têm de evidenciar estabilização a vários níveis, aproximando-se formalmente dos vocábulos já listados no léxico. Consideremos, então, algumas das suas propriedades:

- i) estabilização fonológica: fixação do acento
- ii) plena integração morfo-sintáctica: fixação do género e da forma de plural
- iii) integração no sistema morfológico da língua: possibilidade de derivação
- iv) polissemia: tendência para extensão, restrição ou modificação do significado da forma original
- v) atestação lexicográfica normativizada

O facto de referirmos a fixação do acento como indicador de estabilização fonológica não é trivial. De acordo com as nossas observações, esse é um fenómeno que se verifica mais consistentemente do que a fixação das consoantes simples por oposição às africadas, por exemplo. Nesse sentido, é possível encontrar palavras que manifestam plena integração a nível morfológico, podendo integrar processos de derivação, mas cuja forma fonológica ainda poderá apresentar alguma variação a nível segmental. Um desses casos é o nome *chat*, que no português europeu ocorre como base da estrutura verbal *chatar*<sup>17</sup>, mas que apresenta oscilação relativamente à primeira consoante, entre [ʃ] e [tʃ].

Quanto às propriedades morfo-sintácticas, importa referir em primeiro lugar que a fixação do género e da forma do plural é uma condição necessária para que as palavras possam ser consideradas integradas. Um aspecto morfológico igualmente importante, neste âmbito, é o de os vocábulos poderem integrar estruturas derivacionais da língua. Tal como Rebello d'Andrade (1995), acreditamos que, quando uma determinada palavra pode funcionar como base de um processo de derivação, então essa palavra já está plenamente integrada. O seu radical passa a fazer parte do repertório de radicais disponíveis no léxico.

Observemos o seguinte quadro, que contém alguns exemplos de derivação com base em radicais originários do inglês, hoje já integrados no léxico da nossa língua:

<sup>17</sup> No português do Brasil, o verbo derivado é *chatear*, com um sufixo foneticamente realizado.

Nome de base (radical derivacional)	Formas derivadas por sufixação
bodyboard	bodyboardista
delete	deletar
franchise	franchisar franchisado franchisador
print	printar
scan	scanar scanear
sprint	sprintar sprintista
stress	stressar stressante
surf	surfar surfista

A nível semântico, as formas integradas tendem a tornar-se polissémicas, como acontece com todas as palavras listadas no léxico. Isso é particularmente visível em relação a um termo do inglês recentemente integrado no português: *internet*. Esta palavra deixou de significar apenas 'rede informática X' para significar também 'ligação à rede X', 'serviço de acesso à rede X', etc.<sup>18</sup>.

Resta-nos acrescentar que, em termos de grafia, as palavras que se encontram nesta fase tendem a apresentar uma atestação lexicográfica normativizada. Ressalvamos, no entanto, como antes, que este não é um critério fiável, por não estar associado a factores puramente linguísticos. É possível que uma palavra esteja totalmente integrada do ponto de vista fonológico e morfológico, continuando a manter generalizadamente a grafia da língua de partida. São exemplo disso as formas *design*, *feedback*, *hardware*, *internet* e *software*, entre muitas outras.

### 3. Quadro geral

Depois de termos considerado em detalhe os vários fenómenos correspondentes a cada uma das fases do processo de integração, resta-nos traçar um quadro geral com indicação do percurso evolutivo evidenciado pelos estrangeirismos.

<sup>18</sup> Exemplos ilustrativos:

- i) A **internet** da faculdade está muito lenta. ('ligação à rede')
- ii) Vamos acabar de uma vez com a **internet** paga. ('serviço de acesso à rede')

### **Primeira fase**

- adaptação fonética imediata
- adaptação morfo-sintáctica imediata
- monossemia: manutenção do significado com o qual a palavra é importada
- grafia da língua de origem
- hesitação nos tipos gráficos



### **Segunda fase**

- adaptação fonética progressiva
- adaptação morfo-sintáctica progressiva
- possibilidade de formação de novas palavras: composição e prefixação
- formas concorrentes a nível gráfico
- atestação lexicográfica (normativizada ou não)



### **Terceira fase**

- estabilização fonológica: fixação do acento
- plena integração morfo-sintáctica: fixação do género e da forma de plural
- integração no sistema morfológico da língua: possibilidade de derivação
- polissemia: tendência para extensão, restrição ou modificação do significado da forma original
- atestação lexicográfica normativizada

Observemos agora como se distribuem os diferentes fenómenos, considerados de acordo com a sua tipologia e com a fase em que ocorrem:

Fases	Fenómenos <sup>1</sup>											
	Fonológicos		Morfológicos				Semânticos		Gráficos			
	Adap Imed	Adap Prog	Adap Imed	Adap Prog	Pref / Comp	Der	Mon	Pol	Graf Orig	Tipos Graf	Formas Conc	Atest Lex
1	■		■				■		■	■		
2		■		■		■					■	■
3					■			■				■

### Considerações finais

Com este trabalho, procurámos demonstrar que a integração dos estrangeirismos no português europeu é feita por fases e que a cada uma dessas fases corresponde um conjunto de fenómenos linguísticos específicos. Considerámos sobretudo fenómenos de natureza fonológica e morfológica, remetendo a grafia para segundo plano, na convicção de que esta é menos adequada para dar conta do grau de integração das palavras. A proposta que aqui definimos não foi feita, no entanto, com base num levantamento exaustivo dos fenómenos relevantes. As propriedades fonológicas, morfológicas e mesmo semânticas abordadas poderão e deverão receber tratamentos mais aprofundados em trabalhos futuros.

### Bibliografia

- Alves, Ieda (2002) *Neologia técnico-científica e análise de corpus*. In *Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional, Actas do VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia*. ILTEC, Lisboa.
- Brasington, Ron (1997) *Cost and benefit in loanword adaptation*. Working Papers in Linguistics, Volume 3, Department of Linguistic Science, Reading.
- Cabré, M. Teresa (1999) *Terminology — theory, methods, and applications*. John Benjamins Publishing Company, Amesterdão.
- Carvalho, Nelly (1989) *Empréstimos lingüísticos*. Editora Ática, São Paulo.
- Casteleiro, João Malaca (coord.) (2001) *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, Lisboa.

<sup>19</sup> Abreviaturas: **Adap Imed**: Adaptação Imediata; **Adap Prog**: Adaptação Progressiva; **Pref / Comp**: Prefixação / Composição; **Der**: Possibilidade de Derivação; **Mon**: Monossemia; **Pol**: Polissemia; **Graf Orig**: Grafia Original; **Tipos Graf**: Tipos Gráficos; **Formas Conc**: Formas Gráficas Concorrentes; **Atest Lex**: Atestação Lexicográfica.

- Correia, Margarita (1999) *A denominação das qualidades — contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*. Dissertação de Doutoramento em Linguística apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Costa, J. A. e A. S. e Melo (1998) *Dicionário da língua portuguesa*. Porto Editora, Porto.
- Humbley, John (1974) *Vers une typologie de l'emprunt linguistique*. In *Cahiers de Lexicologie*, número 25. Didier Erudition, Paris.
- Lopes, António Lavouras (1992) *Os estrangeirismos no português contemporâneo*. Texto policopiado.
- Lavouras Lopes, António e Ana Rebello d'Andrade (1997) *Primeira fase da instalação do estrangeirismo*. In *Actas do XIII Encontro da APL*. Colibri, Lisboa.
- Mateus, Maria Helena Mira et aliae (2003) *Gramática da língua portuguesa*. Editorial Caminho, Lisboa.
- Peperkamp, Sharon e Emmanuel Dupoux (2001) *Loanword adaptations: three problems for phonology*. Comunicação apresentada na Second North American Phonology Conference (NAPhC2).
- Rebello d'Andrade, Ana (1995) *As palavras importadas no léxico da decoração*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Villalva, Alina (2000) *Estruturas morfológicas*. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa.